

'Ato prático livre' (o ético) ou a razão como o 'a priori' prático

'Free practical act' (the ethical) or reason as the practical 'a priori'

PE. LUÍS MARCONETTI

Professor da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB,
Mestre de Teologia pela UPS-Roma

RESUMO

Aqui neste trabalho reflito sobre os modelos usados para fazer ciências naturais e humanas, para filosofar e para teologar e proponho umas novas orientações entre elas integradas. Passar de uma estrutura racionalista, intelectualista (teórica) no conhecimento da realidade estática (Cf. Reale. *Antiseri v. 2º p. 217*; Tomas) para uma estrutura interpretativa pela filosofia da linguagem e hermenêutica filosófica de uma realidade dinâmica, evolutiva, de um ser a vir a ser continuamente em um processo 'infinito'. Pela experiência vemos que a realidade não é somente ser e nem somente devir, mas ser em devir a ser (Nova ontologia; Cf. *Ef. 1, 1-14*). Insistimos: a realidade é um projeto a ser construída por um processo contínuo! Passar de uma antropologia filosófica dualista (alma e corpo, espírito e matéria, sujeito e objeto; Cf. Reale. *Antiseri v. 2º p. 21 importante!*) feita de um amontoado de faculdades para um ser humano inteiro: **onto-fenomenômico**. Ser humano inteiro, na sua totalidade, na sua atuação e sua experiência. Ser humano que não vem do hiper-urânio, mas que vem da realidade, do mundo em evolução criativa dando um ser humano a semelhança de Deus e mais ainda à semelhança de Jesus Cristo, homem perfeito (Cf. Gn 1, 27-31). Passar de uma mentalidade de verdade 'dogmática-ideológica' ou de um relativismo que leva ao niilismo para uma verdade limitada e imperfeita (1Cr 13, 8-13; Jo 16,13). E através de termos fenomenológico-hermenêutico (círculo hermenêutico antropológico) chegar, pela história, sempre mais perto da 'verdade'. É aqui que inserimos o ato prático livre como evento dialético de significação-verdade, evento da verdade: o lado fenomênico (fenomenologia) do sentido e da verdade e o lado ontológico unidos.

PALAVRAS-CHAVE

cultura
ato prático livre
verdade como evento

ABSTRACT

*In this study I reflect on the models used to do natural and human sciences, to philosophize and theologize and propose some new orientations which integrate them. To go from one rationalist, intellectual (theoretical) structure in the knowledge of static reality (Cf. Reale. *Antiseri v. 2º p. 217*; Tomas) to an interpretative one through the philosophy of language and hermeneutic philosophy of a dynamic, evolutionary reality of one being and become a being continually in an infinite process. From experience we see that reality is not only to be nor is it to become, but to be in becoming (Nova ontologia; Cf. *Ef. 1-14*). We insist: reality is a project to be constructed by a continuous process! To go from one dualistic philosophical anthropology (soul and body, spirit and matter, subject and object; Cf. Reale. *Antiseri v. 2º p. 21 important!*) made of a mass of faculties for an entire human being: onto-phenomenological. A whole human being, in its totality, in its action and experience. A human being which does not come from hyper-uranium, but which comes from reality, from the world in creative evolution giving a human being the similarity of God and stiff more, similarity to Jesus Christ, perfect man (Cf. *Gn 1. 27-31*). To go from one mentality of 'dogmatic-ideological' truth or from one relativism which goes to nihilism to a limited and imperfect truth (1 Cr 13, 8-13; Jo 16. 13). And by phenomenological-hermeneutical terms (hermeneutic anthropological circle) arrive, by history, always nearer to the 'truth'. It is here that we insert the free practical act as a dialectic event of significacion-truth, truth event: the uniting of the phenomenological (phenomenology) and ontological sides of meaning and of truth.*

KEY WORDS

culture
free practical act
truth as an event

INTRODUÇÃO

Com este escrito quero levar adiante a proposta que expressei na primeira orelha da obra “PEF”, e no prefácio do livro “Suplemento e desenvolvimento dos Primeiros Elementos de Filosofia”: propor uma nova síntese aberta do conhecimento e da compreensão humana da realidade. Qual? Levar em conta as categorias universais que a Hermenêutica Filosófica usa para estudar a cultura e a história e aplica-las à figura singular da religião-fé cristã. Várias são as maneiras de abordagem da **realidade em geral** (onto-fenomênico)¹ e da cultura e história em especial que são resultado (produto) da atuação do ser humano. Aliás, a Sagrada Escritura está toda ela perpassada pela cultura e a pela história.

Queremos sublinhar que aqui neste trabalho nós fazemos a aplicação à dimensão especialmente religiosa, como tipologia de um elemento da cultura², sem deixar de relacionar também as outras dimensões culturais: arte, jogo, ética, linguagem, política, ciência natural e humana³...

Ponho aqui como preâmbulo orientador para a religião-fé em geral, válida para todas as religiões ligadas ao sagrado a definição de fé⁴.

Todas as abordagens estão baseadas sobre MODELO (paradigma), isto é, sobre um sistema filosófico (aberto)! Exemplos:

1º O **modelo intelectualista** grego ocidental: **a razão teórica**, que a Igreja cristã em geral adotou (filosofia metafísica, antropologia dualista e/ou das faculdades). Este modelo parece pouco apto para expressar a realidade histórica e cultural na sua totalidade (passado, presente e futuro): ser em o devir a ser em que a Sagrada Escritura se expressa. Nesta proposta ‘racionalista’ a fé vem suprir o hiato de saber ou não saber da razão. Evidência intrínseca ou/ e extrínseca...

2º O **modelo confidencial (confiança)** dos evangélicos: Lutero e Kierkegaard (existencialismo): um salto no escuro, **um sentimento, uma emoção** (estético). A fé como um sentimento de confiança para com JC... (FIDEISMO), Romantismo: ‘Sturm und Drang’ (impulso, como uma ventania, dentro do homem: falar em línguas!?).

3° O **modelo do ato prático livre**⁵ = **decisão autônoma (é o transcendental, isto é, condição de possibilidade de ter, de produzir a verdade = verdade como evento da verdade)**: tem um caráter originário, singular. Neste modelo não se aplica a estrutura do modelo intelectualista e da antropologia das faculdades onde o ser humano parece feito por um amontoado de partes umas ligadas às outras como em uma cadeia de montagem, mas sim, o modelo do envolvimento total da existência, isto é, do ser humano total: vai de meio a totalidade de mim. A proposta aqui toma como base o ato prático livre (decisão autônoma que **envolve a totalidade do ser humano: a atuação, a razão, os sentimentos...**).

Exemplos: no ato prático livre de jogar dá-se o evento da verdade do jogo: gera experiência do jogo (o jogo); no ato prático livre de crer dá-se o evento da verdade religiosa: gera experiência⁶ religiosa (a religião); no ato ético livre dá-se o evento da verdade ética: gera experiência ética (a ética); no ato político livre dá-se o evento da verdade política: gera experiência política (a política); no ato artístico livre dá-se o evento da verdade artística: gera experiência artística (a arte). Tudo isso aqui e agora **NO ATO PRÁTICO LIVRE** se dá a verdade⁷...

Confronta Emanuel Severino no 3° livro de história, p. 264-272: 'A ciência natural (razão instrumental) se separou definitivamente da filosofia (ontologia) e os métodos da ciência da natureza (hipotéticos experimentais, lógica positiva) são aplicadas a ciências humanas (como a sociologia, psicologia e lógica... e a cultura e a história. Naturalmente a ciências humanas tem como resultado um conhecimento de probabilidade e não 'exato'. Na ciência da física quântica também não há conhecimento 'exato' e sim de probabilidade: no bombardeio de um quantum talvez o quanto tome uma direção ou outra... Nós, aqui andamos em outro caminho, 'método'. A verdade da cultura e da história não é deduzida nem induzida (silogismo), não é hipotética-experimental, não é de probabilidade (mais ou menos 80%), mas está ligada a **NECESSIDADE** de emitir 'um ato prático livre (**LIBERDADE**). Ato prático livre da totalidade do ser humano!

Quando se chegará a absorver esta proposta pela humanidade? Esta é a proposta da Sagrada Escritura, que encerra a síntese do seu

discurso no amor que é ato prático livre de fazer o outro ser, realizar-se e ser feliz. Felicidade! Eis o anseio do homem de ontem, de hoje e do futuro, mas felicidade para todos.

4º **Envolvimento da TOTALIDADE torna-se experiência (ato experiencial = ex-per-ire)** onde está em jogo toda a existência, todo o nosso ser existente: a totalidade da realidade, do nosso ser pessoa. Não é só a tua razão teórica ou prática, mas a tua totalidade. A tua **decisão autônoma que tem caráter originário** (parte do a priori total = ser humano, do 'início' do ser humano), toma todo o ser: trata-se do teu ser inteiro que está no jogo. 'Os meus projetos (pensamentos) são os projetos de Cristo: não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. 'Acolhei, ó Deus, estas oferendas, pelas quais entramos em comunhão convosco... e recebendo-vos em nós...'). **Não acredito porque os outros (os apóstolos, os meus pais...) tiveram a experiência de Cristo vivo, mas eu tenho experiência que Cristo está vivo e está em mim, em nós.** Sem o ato prático livre (decisão autônoma) não há cultura [religião, arte, política, linguagem. Ricoeur afirma: a linguagem = palavra e discurso, são resultado de um evento dialético criado pelo ser humano], nem história e por isso você só pode conhecer, compreender e construir cultura e história só através de um ato prático = evento da verdade. A verdade nasce como acontecimento ontológico que conhece, que compreende, que ama, que odeia, que constrói, infelizmente, que destrói a cultura e a história (Cf. Ricoeur, no fim deste trabalho).

'Decisão autônoma' não significa racional ou irracional. Aqui decisão autônoma significa que a totalidade do (seu) ser existente decide de si mesmo! Se você está reparando a sua decisão envolve a liberdade, as razões teóricas e práticas, os sentimentos, as emoções, a sua existência todas as suas possibilidades e potencialidades, todo o seu passado, o seu presente o seu futuro, a sua vida toda... A decisão é muito mais ampla que razões! (Cf. Suplemento, p. 27-46, antropologia do ser inteiro: da totalidade do ser humano). Insistimos: **O ser humano toma consciência que se não emitir o ato prático livremente não haverá jogo, arte, religião, ética, política...** Repare! Aqui não há raciocínios, argumentações para chegar a evidência 'sic et simpliciter' (Cf. nota 4), mas só emitindo, atuando um ato prático livre se fará a

verdade (fazer a verdade, praticar a verdade, construir a verdade)! Isso não é pragmatismo nem razão prática ‘pura’, mas o encontro com o dado e o ato (do feminino com o masculino ‘conceber’ o filho). O dado é o campo, a bola, o mármore, a revelação histórica (Cristo histórico), e o ato prático emitido pelo ser humano (evento dialético) realiza o sentido (a verdade) da realidade em dever a ser. Realiza a experiência, neste caso, religiosa!

UMA PROPOSTA DE ‘LEITURA’ INTERDISCIPLINAR ENTRE (CIÊNCIA) FILOSOFIA, SAGRADA ESCRITURA E TEOLOGIA⁸

Bernardes, Giordano, e Língua fazem uma reflexão sobre a fé na qual a interrogação que deriva da consciência (do ser humano) crente converge com aquilo que interessa ao ser humano como tal⁹!

A fé é considerada, aqui, sob o perfil da **decisão** como **um ato prático livre** no convencimento que o caráter de decisão (emitir um ato prático livre de confiança, de entrega de aceitação: quem emite este ato prático? O ser humano envolvido nisso!) não constitui um aspecto entre os outros aspectos da fé, mas aquilo que permite de compreender **o todo** e que consente de justificar a universalidade da figura singular da fé cristã¹⁰.

Projeto ambicioso e em certo sentido paradoxal, se nós observamos **que na teologia tradicional (intelectualista e racionalista e da antropologia das faculdades)** o caráter decisional da fé sancionava o hiato entre a fé e o saber: hiato ‘coberto pela decisão de crer (também se si tinha as razões de crer, S. Pedro, elas não davam a evidência intrínseca como das ciências naturais!), a qual (fé) se subtrai por definição a qualquer tipo de justificação crítica (próprio porque é fé e não razão!). NA REFLEXÃO POPOSTA PELOS AUTORES, O EMBLEMA DA SEPARAÇÃO SE TORNA O “INSTRUMENTO”. PARA SUPERAR A SEPARAÇÃO MESMA. Eles julgam, com efeito, que no tema da **decisão, o equivalente do ato (prático livre) do crer**, a teologia da idade moderna tenha mantido em vida um problema radical que o *MODELO (racionalista da metafísica pura e da antropologia das faculdades)* assumido para justificar a fé não podia ser percebido se não como elemento

estranho e não compatível com o modelo (de fato a fé se apresenta como elemento estranho, que não dá para encaixá-la no modelo racionalista e das faculdades). **Restituir o caráter originário da decisão, a sua atitude de dar razão da singularidade da fé (cristológica) e da pretensão que ela avança de realizar a 'evidência simpliciter' da consciência (do ser humano) constitui o objetivo comum das três contribuições¹¹.**

1° O ensaio de Graciano Língua propõe-se de instituir o modelo teórico (antropologia do ser existente, existência) do ponto de vista universal, neste sentido filosófico, e por isso em grau de justificar a originalidade do ponto inicial teológico. Ora é precisamente debaixo deste perfil que a consideração da decisão se revela determinante: ela assinala a forma da experiência pela qual o antropológico e o teológico não são dois elementos justapostos, mas dois aspectos inseparáveis do mesmo evento da verdade (a síntese entre o dado e o ato: é o evento da verdade). Repare. A verdade neste caso se refere à produção humana que é história e cultura.

O caráter de decisão da consciência (do ser humano que toma consciência) **é a razão pela qual o evento verdade impõe-se à consciência mesma (ao ser humano mesmo que toma consciência) da interrogação radical (total) e pela qual ela não pode ser elaborada se não a reenviando à experiência mesma (ao ato prático livre que gera a experiência da verdade, neste caso a verdade religiosa) que a realiza.** Nisso consiste a originalidade do "prático". É claro que aqui há um 'pressuposto: 'só haverá jogo, religião, arte... se eu me decidir de atuar livremente' (jogar).

A forma (a maneira de ser do ser humano) da 'consciência', que responde a esta exigência (instanza) e que por isso revela o caráter radical e totalizante da decisão, é a sua forma ética. Entendemos por 'ético' a qualidade da experiência pela qual o ser humano não se torna consciente de si (di sé) e da realidade toda, se não se atuando diante da exigência que decide do seu ser em totalidade.

A qualidade da experiência que temos denominado com o termo 'ético' co-envolve (o ser no seu atuar, não envolve só a razão,

o sentimento, as motivações psíquicas mais profundas que sejam, mas a totalidade do ser): a totalidade das determinações da consciência (do ser humano). Ela não pode ser tematizada sem restituir de um lado a dimensão de passividade da consciência mesma que precede a sua atuação, e de outro lado a forma do sentido (da verdade) que se institui na atuação mesma e que manifesta o caráter transcendente de sua intencionalidade. **Estes dois aspetos, a esfera 'patética' ou afetiva da consciência e a forma simbólica do sentido, constituem a originalidade do estético**¹². **Por outra parte**, pois que o que funda a sua unidade é o referimento à atuação que promove a passividade da consciência ao nível ontológico do sentido (verdade como evento ontológico), **o elemento formal do processo consiste na tematização do caráter formal de liberdade**¹³. Repare que aqui a estrutura antropológica não é nem o dualismo antigo nem o dualismo moderno e nem a estrutura das faculdades e sim **uma análise fenomenológica** das manifestações do ser humano, mantendo sempre a sua totalidade na decisão de agir.

O núcleo da argumentação consiste em mostrar à que **necessidade**¹⁴ ela corresponde. **De uma parte** o sujeito (ser humano) pode (e deve) decidir-se, pois que na passividade que o precede a sua identidade é antecipada no modo de uma 'auto-afirmação' que lhe consente e lhe impõe de atuar-se como um si. **De outro canto** esta passividade não é efetiva se não na decisão, pois que o sujeito (ser humano) não pode assumi-la, e assim por-se como um si, se não a reconhecendo como 'aquela que traz' uma exigência que decide do seu ser em totalidade: reconhecendo-a, isto é, como o fundamento transcendente da sua atuação.

O nó crítico do processo consiste na articulação dos dois níveis, ético e o ontológico¹⁵: os quais se correspondem como o antropológico e o teológico. A distinção é necessária quanto à unidade: se si fica no plano do antropológico, o ético resulta não alicerçado (o fundamento do ético é o meta-ético); inversamente se si resolver o ético no ontológico, se subtrai a base que garante o caráter unitário (d'insieme) fenomenológico e fundativo do processo (ontológico). **O referimento mais estimulante no debate atual é constituído pela analítica heideggeriana, a fecundidade da qual, todavia, é condi-**

cionada nos seus resultados positivos de uma tendencial absorção da dimensão ética naquela ontológica¹⁶.

O modelo (diferente do modelo da filosofia clássica visto acima) no qual Língua utiliza e reelabora a analítica heideggeriana em ordem à exibição do seu objetivo mostra um claro conhecimento do problema. O que assegura, com efeito, a linearidade e a rigor da sua exposição é a distinção e articulação dos dois níveis: onto-fenomenico (cf. Suplemento p. 53; 65)¹⁷.

2º A interrogação feita às condições universais da experiência¹⁸ podem estabelecer a forma necessária (para a *evidência simpliciter*)¹⁹ mas não podem deduzir a evidência.

A ‘qualidade’ da consciência (do ser humano) pode ser conhecida só depois da atuação decidida, a qual não se reduz à confirmação do a priori (como se fosse uma argumentação: como se queria demonstrar; não é uma demonstração!), mas a atuação institui (constitui, constrói) originariamente o sentido (o significado, a verdade)²⁰.

Por isso **a transição** para o ponto de vista teológico, o qual reflete a partir da fé, **não tem necessidade de ser justificada**. A reflexão filosófica não predispõe um esquema que se sobrepõe à fé efetiva, mas elabora a interrogação pela qual a experiência da fé atestada na Sagrada Escritura pode ser compreendida como testemunha da verdade (eu tenho a verdade: eu experimentei a verdade), na qual o homem é já sempre implicado²¹.

A dificuldade da pesquisa bíblica sobre a fé depende do fato que ela (a fé) não é um tema particular da Escritura, mas a forma mesma da experiência que ela atesta: a forma do ‘sentido’ (da verdade, do significado) do qual (sentido) a Escritura constitui o texto. O método mais eficaz consiste, portanto, em relevar a correspondência entre a ‘mensagem’ (a verdade = sentido: ex. ‘Cristo ressuscitou, ele está entre nós’) e a forma do discurso no qual ela (mensagem) se exprime.

É este o objetivo da contribuição de Giordano, a qual (contribuição) não é só uma introdução a retomada sistemática, mas o seu momento primeiro constitutivo da reflexão teológica sobre o texto

fundamental e normativo da experiência cristã. **O que assegura à análise a sua pretensão à verdade (veritativa) é a ligação à estrutura que na analítica da existência** (o ser existente: o ser humano se manifesta só na sua existência = na sua história, na sua cultura = linguagem, religião, ética... na sua maneira de viver) **foi individuada como norma intrínseca da sua atuação** [isto é, quando se trata da verdade (do significado, do sentido) na análise da existência do ser, ser humano, a verdade é sempre dada pela atuação!]. *Desta estrutura os instrumentos da metodologia crítica pedem (mutuam) à própria atitude a alcançar não só o significado do texto, mas a referência à 'coisa' que no texto se fala.* [Vê-se aqui a necessidade da filosofia da linguagem e da hermenêutica filosófica²²; confira: porque a filosofia da linguagem e a hermenêutica filosófica são a filosofia deste milênio, aqui p. 13-18].

Giordano desenvolve a sua pesquisa ao redor de dois nós: **a forma da fé bíblica, a qual resulta da estrutura do evento fundador²³ (a Torah) e o caráter escatológico que o evento de Jesus Cristo confere à fé neotestamentária.**

De acordo com o testemunho bíblico a possibilidade que a fé aceda a própria evidência é subordinada a uma iniciativa de Deus (pela sua revelação: verba gestaque), a qual é histórica, pois que inclui a liberdade e a sua contingência (é inclusiva da liberdade humana e da sua contingência). **A reciprocidade** entre a manifestação da verdade (revelação) e a atuação da liberdade constitutiva da experiência como tal, se realiza aqui segundo uma modalidade original, a qual permite tematizar a fé como forma da verdade (veritativa) da existência. Isto significa de um lado que, pois que Deus não se manifesta se não como antecipação (promessa) que autoriza a decisão da liberdade; e do outro lado que a fé não pode aceder à evidência que a autoriza se não graças ao evento não dedutível de Deus que antecipa (promessa) a realização da liberdade. A estrutura da fé bíblica, que articula promessa e mandamento, apóia-se próprio sobre esta reciprocidade²⁴.

A fé cristológica (a fé de Cristo) constitui a atuação 'realizada em plenitude' (completa) desta estrutura. Tudo isso aparece se si considera a história de Jesus como a duração necessária para que

essa se realize e possa ser reconhecida como a revelação definitiva de Deus.

Isso comporta **por um lado** a proclamação, na pregação e na ação de Jesus, das possibilidades inscritas na liberdade humana e disposta por Deus desde a criação (proclamação de uma justiça que supera todas as justiças humanas, mas que, próprio por isso, resulta à medida de homem) e **por outro lado** a identificação de Jesus, no evento pascal, com a verdade de Deus que ele proclamou.

No evento cristológico (a fé em Cristo). [Repare que aqui a estrutura antropológica não é nem o dualismo antigo nem o dualismo moderno e sim uma análise fenomenológica do ser humano mantendo sempre a sua totalidade na decisão de agir].

O pertencer da liberdade humana à verdade de Deus revela-se o fundamento último da historicidade da fé. Ele (o evento JC) não repete a promessa, mas a realiza, pois que compreende a necessidade conseqüente à livre resposta do homem como momento da verdade mesma de Deus.

Por isso Giordano depois de ter sublinhado o significado decisivo que a história de Jesus reveste para o reconhecimento do seu caráter escatológico e a reciprocidade entre a história de Jesus e o evento pascal, ilustra, na cristologia do quarto evangelho, a ideducibilidade da história de Jesus da mesma verdade de Deus com a qual se revela idêntico. **SOMENTE DEBAIXO DESTA CONDIÇÃO COM EFEITO, A HISTORICIDADE É GARANTIDA** (Teilhard de Chardim nos seus escritos parece que postula a necessidade da encarnação de JC; veja Irineu). Isto confirma a justeza e a fecundidade do ponto de vista assumido: a fé como ato prático livre, para compreender a absoluta liberdade da revelação cristológica. **TODO O DISCURSO CRISTOLÓGICO APARECE CONTIDO NA TEMÁTICA DA FÉ DE JESUS E DA FÉ EM JESUS.**

3º A contribuição de Bernardes ocupa-se da **dimensão SISTEMÁTICA da teoria da fé**, da sua atitude (predisposição) a instituir (constituir) o princípio do saber teológico (ciência humana-sagrada) **superando a justaposição entre fé e razão que impedia à teologia apologética da idade moderna de articular a verdade cristológica às condições efetivas da experiência humana, isto é, articular ci-**

ência de Deus e do homem em modelo sintético e não justaposto. À ORIGEM DESTA INSUFICIÊNCIA ESTÁ O MODELO INTELECTUALÍSTICO, o qual reduzindo a fé a um órgão subjetivo e a revelação a um conteúdo objetivo (este é o modelo antigo) não pode que uni-los extrinsecamente²⁵. **O princípio que o superamento do modelo apologético restitui, não é nem a revelação *objetivada*, nem a fé como ato subjetivo, mas a RECIPROCIDADE ENTRE VERDADE DE DEUS E O HOMEM AO QUAL ELA (REVELAÇÃO-VERDADE) É DESTINADA.** Veja, no jogo de futebol *há uma reciprocidade*, pressupõe o campo, a bola, o árbitro... os jogadores que entram no campo e chutam a bola... assim, na dimensão religiosa e em toda as dimensões culturais. O princípio do saber teológico é a revelação-verdade cristológica de Deus, à qual o antropológico pertence para sempre.

Não se pode justificar a historicidade singular da revelação sem compreender a razão da sua destinação para o homem que se realiza na fé²⁶. Isto significa que o evento cristológico constitui, precisamente enquanto evento cristológico, aquela manifestação da verdade [condições de possibilidade de crer] de Deus pela qual é possível crer (é possível jogar); e reciprocamente que a forma da consciência (do ser humano) tem o caráter de fé, pois que ela (fé) é, objetivamente, antecipação da evidência que o evento cristológico realiza.

Ora é *esta reciprocidade* que não pode ser mostrada se não em uma teoria da fé que sublinha o caráter originariamente prático (ato prático livre): e isto é que a fé é: **QUALIDADE DA ATUAÇÃO DA CONSCIÊNCIA (DO SER HUMANO) NÃO DEDUTIVEL DA SUA ESTRUTURA, pois que a consciência (o ser humano) concorre a determinar a verdade que autoriza a sua decisão** (é só no ato prático livre de jogar que nasce a verdade do jogo, sem este ato prático nunca teremos jogo!). Pois que a revelação de Deus é intrinsecamente **MEDIADA PELA LIBERDADE** (a verdade cultural e histórica está profundamente enraizada na liberdade do ser humano), Deus não pode que se revelar historicamente, realizando a liberdade que ele mesmo colocou como **CONDIÇÃO** do seu reconhecimento; reciprocamente a resposta do homem não poderia determinar a auto-revelação de

Deus, se o evento que o realiza não fosse já operante (antecipação) na constituição do ser humano como livre transcendência (Cf. PEF, p. 86). É este o significado da predestinação em Jesus Cristo, de que a teoria da fé constitui o aspecto crítico epistemológico (Cf. Ef. 1, 1-10).

O antropológico não se acrescenta ao cristológico, mas é um momento constitutivo da sua verdade precisamente em quanto não dedutível do teológico. O antropológico não é dedutível do teológico, **pois que a identidade da consciência (do ser humano) coincide com a sua forma da liberdade** (liberdade de Deus de se revelar, liberdade do homem de aderir de emitir um ato prático livre para inserir-se na revelação). *Na realidade a verdade religiosa (cultural) é um evento dialético entre Deus e o ser humano.*

O evento cristológico não desenvolve a sua evidência de evento absoluto da verdade de Deus se não pela fé: isto é, (não) como se fosse axioma primeiro de um saber dedutivo entendido como fundamento do caráter da verdade (veritativa) da historicidade que a fé realiza. A prospectiva que justifica a historicidade singular do evento cristológico é a mesma que mostra a inseparabilidade da tradição da fé que a testemunha. Severino, filósofo historiador, *diz que a filosofia e a teologia hoje se orientam mais para o Deus da Bíblia que se revela na história, age na história do que o Deus da metafísica* (cf. Pareyson; Vaticano II).

O papel da teologia não consiste em reconduzir a fé a um princípio a qual a verdade seria acessível fora da fé que a testemunha, mas no justificar o caráter da verdade da fé efetiva, o que funda o realismo na sua intencionalidade.

É este o objetivo que inspira a crítica pontual de Bernardes ao MODELO INTELLECTUALISTA E À ANTROPOLOGIA DAS FACULDADES no qual este modelo se edifica. No desejo de alcançar este objetivo se entrevê o interesse da perspectiva, que indica na teoria da fé, como ato prático livre, a chave do inteiro discurso teológico. (a fé em chave prática)²⁷.

ANEXO. A RAZÃO COMO A PRIORI PRÁTICO²⁸

Correlativamente vem sendo redefinido o conceito de racionalidade, pelo mesmo motivo pelo qual se dá uma reformulação do conceito de verdade.

A racionalidade, pois que se apresenta na atuação livre da consciência (ser humano), não assume na primeira instância os caracteres da demonstração intelectual, mas vem sendo reformulada em termos fenomenológico - hermenêutico e por isso mesmo em termos práticos.

A racionalidade em questão não é outra coisa do que a liberdade: é a razão prática, cuja universalidade não é encontrada no modelo da cientificidade (estrutura a priori da razão), mas pelo caráter de necessidade, em ordem a atuação que a verdade comporta.

A razão é o a priori prático-histórico, isto é, liberdade. O caráter histórico da apropriação originária e sempre o fazer-se da verdade comporta a impossibilidade da reflexão radical, pois o acesso à dimensão “veritativa” do sentido coincide com a identificação da condição da sua apropriação.

Portanto, não se dá a verdade se não historicamente, isto é, na circularidade hermenêutica entre a liberdade e a sua normatividade. A verdade se manifesta (faino) como verdade da historicidade, realizando o caráter de liberdade de sua apropriação.

Sendo assim, fica dito de novo que a historicidade não é alternativa a transcendência: esta corresponde à necessidade, pela qual a consciência não pode atuar-se, conforme à exigência absoluta que a constitui, sem reconhecer na manifestação não dedutível da verdade o fundamento do caráter de liberdade da sua atuação (ação). No a priori o referimento à história é inscrito ao mesmo título e segundo a mesma necessidade que o referimento a transcendência.

Aportamos, neste modo, a uma ontologia não mais redutível, rompida e separada sem um critério unitário, **porque percebe a dimensão fenomenológica correspondente a dimensão reveladora do ser (ontológico) sem sair-se da hermenêutica**. E a forma concreta de acesso é a constituição prática da ipseidade²⁹.

A não transcendibilidade da hermenêutica é a não transcendibilidade da compreensão factual da existência, a qual, por sua vez, não tem mais o significado redutível porque foi percebida (reconhecida) a sua dimensão ontológica fundante. No seu aspecto reflexivo-metodológico, a instância fundante não é autônoma: ela não institui o fundamento, mas o encontra na dimensão ontológica intrínseca à compreensão factual, a verdade da existência.

O processo fundante, que reconhece a não transcendibilidade da condição hermenêutica e logo histórica do saber, tem um caráter fenomenológico-hermenêutico. **Fenomenológico**, porque o fundamento do compreender (Verstehen) é a manifestação (Erklären) da verdade, pelo qual o homem é posto na necessidade de antecipar na livre atuação de si, o seu cumprimento. **Hermenêutico** porque a mediação da manifestação é dada pelo ato livre.

Por isso a exigência (a pergunta) ontológica é sempre dada à partir de uma atuação (ação), de uma linguagem histórica, na qual **o evento da verdade** acha-se já mediado pela sua apropriação³⁰. A estrutura simbólica da evidência, de o que se manifesta, é contemporânea à sua atuação (ação). Posto que o evento da verdade dá-se medianamente na apropriação, ele é simbólico, pois diz que a origem do sentido não é categorizável, **mas se dá na 'transgressão' contínua da linguagem, cuja constituição é dada pelo caráter de inovação do sentido.**

Disso vem que o caráter conceptual do pensamento segue o comportamento simbólico. O pensamento conceptual não é, portanto, diminuído, rebaixado: é segundo (melhor é consequencial) a respeito do originário simbólico, e rende atual o que a consciência simbólico-prática já sabe.

Por conseguinte, *o processo fundante*³¹ tem caráter transcendental: não se dá manifestação da verdade se não enquanto dá-se a condição imanente a sua atuação. **É este o a priori ontológico, isto é, a liberdade, que não se resolve (anula), que não se esgota na verdade que o realiza**³².

A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA É A FILOSOFIA DESTE MILÊNIO, QUE SE ENCAMINHA PARA A GLOBALIZAÇÃO DA HUMANIDADE³³

De quanto temos dito até aqui podemos caracterizar a hermenêutica filosófica de hoje em base aos seguintes requisitos

1º Lingüisticidade e temporalidade (finitude) do ser, ser humano: disso decorre a relatividade (não relativismo) e a transitoriedade da compreensão e a noção de verdade como interpretação da linguagem, da cultura e da realidade enquanto realidade. A verdade dá-se no ato prático livre (Cf aqui p. 11-12): verdade como evento ontológico, que constrói, por exemplo, a realidade religiosa, ética, política, jogo [Cf. *Língua... La decisione de credere: per una comprensione della fede como atto pratico livre. A verdade religiosa (e todas as verdades que se referem a cultura e a história) dá-se perfeitamente no ato prático livre de fé que constrói a experiência religiosa. A experiência (ex- per- ire = ação, ato, evento, acontecimento) religiosa dá-se só assim, não no 'blá, blá' de raciocínios, de arrazoados, de sentimentos e de emoções]. O jogo não existe, só existe, só se torna verdadeiro quando se começa jogar (Ricoeur: Teoria da interpretação, confere aqui a baixo na frase maiúscula e sublinhada). E esta verdade é sempre limitada e imperfeita. Todos estão convencidos que a verdade é interpretação (hermenêutica), e que vivemos numa realidade transitória, em transformação e multiforme. Nova ontologia: a realidade não é simplesmente ser e nem simplesmente devir, mas ser em devir a ser e se constrói por atuações. A filosofia clássica parte da natureza, do mundo e das suas partes, a Hermenêutica Filosófica parte da cultura e do seu produtor o ser humano³⁴.*

2º Pertença do sujeito (do ser humano) ao próprio âmbito da pesquisa, da qual procedem as noções de pré-compreensão³⁵ e de círculo hermenêutico ou círculo hermenêutico antropológico onde o ser humano é interprete e interpretado. Ou círculo da pré-compreensão (Heidegger), prejuízos (Gadamer): afinal nós não partimos de uma 'tamquam tabula rasa', mas sim com prejuízos que devemos através de um diálogo contínuo, círculo hermenêutico, discernir o que é válido ou não nos prejuízos. Porque estamos

nesta situação, porque estamos dentro de uma cultura (linguagem e interpretações que se dão na história passada e na nossa história). Estamos mergulhados até... O ser humano não está diante, não está no mundo, mas é mundo, é realidade que pensa, que quer... E isso não é prejudicial, mas sim positivo. Imagine se nós nascendo tivéssemos de começar tudo do nada! Afinal o ser humano é envolvido totalmente (experiência) na procura da verdade e do sentido.

3° **Alteridade (Derrida, Lévinas) e diversificação (complexidade)** das coisas para interpretar e dos seres interpretantes nunca integráveis na homogeneidade de um todo completo e descritível. Na nova ontologia colocamos o ser humano no coração da ontologia e este ser é finito = finitude. Na GLOBALIZAÇÃO é preciso levar em conta todas as outras culturas!

4° **Reabertura do programa filosófico tradicional**, mas sobre bases novas: “**além**” do idealismo, e do positivismo e contra a visão da filosofia como saber total e objetivo³⁶: o conhecimento na filosofia clássica domina a realidade (o objeto), na hermenêutica filosófica a interpretação está a serviço da construção da realidade, da cultura e da história. Exemplo: a cultura é construída pelas **atos práticos e livre** do ser humano e o ser humano por sua vez é construído ou destruído por ela³⁷. Percebe-se que nesta reabertura o envolvimento do interprete e do interpretado é total, é experiencial (experiência).

Entre o fim do 1800 e o início do 1900 em plena crise epistemológica Dilthey³⁸ especifica o **objeto** e o **método** das ciências do espírito (ciências humanas) isto é, as ciências da sociedade e da história (cultura).

A diferença essencial (**no objeto**) entre **as ciências da natureza e do espírito** é que enquanto no primeiro caso sujeito e objeto são distintos (eu posso pensar-me como entidade destacada e autônoma respeito às órbitas dos planetas que estou estudando, astrofísica)... no segundo caso **o ser indagante coincide em parte com o ser indagado (intérprete e interpretado)**, isto é, eu pertenço à história e à sociedade (a cultura, a religião) que estudo e descrevo e em certo sentido crio o mundo histórico-social (cultural) que descrevo: é o mundo da experiência! (Cf. acima n° 2). Desta diferença de objeto consegue uma

fundamental diferença de método, o procedimento das ciências da natureza é a explicação causal, o procedimento da ciência humana é a compreensão. “As coisas” do mundo do espírito (do ser humano, como os textos, isto é, a cultura (linguagem, religião) são o fruto de uma experiência vivida (Erlebnis) e para compreendê-la (a cultura) devo reviver a experiência que a originou³⁹. Pelo contrário na ciência natural eu ajo em modo extrínseco, sem sentir o que sente o inseto, explico e estudo as atuações que um inseto faz e descrevo as leis às quais ele obedece. O meu reviver, por exemplo diante de um monumento ou de uma obra de arte... Este encontro e sobreposição de Erlebnis, de acordo com Dilthey é a interpretação. Esta posição parece mais um caminho psicológico que científico e filosófico⁴⁰.

Heidegger na ‘teoria da experiência hermenêutica’ que Gadamer desenvolve, estabelece uma contraposição entre saber científico e saber hermenêutico. O saber científico propõe um modelo onde estão traçados todos os passos [porque o cientista pensa a natureza determinada e ‘estática’: o que parece que não é] e o saber extra-científico é fundamentado sobre gosto, poesia e tato. Porém Gadamer supera esta posição negativa a respeito das ciências em geral e das técnicas... Gadamer como Ricoeur, valoriza a ciência. Gadamer parte da arte (ciência humana) na primeira parte do VM e da história, na segunda parte da VM e na terceira parte frisa a linguagem (ciência humana). Ricoeur neste ponto é totalmente positivo a respeito das ciências “Explicar mais (ciência) para compreender melhor (filosofia hermenêutica)” (via longa).

INSISTIMOS. Em Gadamer há a mesma distinção que faz Dilthey e Heidegger entre o objeto e o método da ciência natural e ciência humana, mas enquanto a ciência natural tem uma mentalidade da filosofia clássica (metafísica intelectualista): a realidade é ser presença (objeto): princípios, leis gerais, universais, verdade dogmática, dominar, transformar, possuir... As ciências humanas têm o mesmo método, os mesmos objetivos e chegam a um conhecimento só provável.

O ser humano na hermenêutica filosófica ao contato com a cultura (arte, ética, religião, linguagem e a história) toma uma nova postura.

- a) Lembramos que o conhecimento das ciências humanas (cultura, história), pelo método científico, é um conhecimento só de probabilidade (estatístico muito pobre) e que deixa muito para ser conhecido e dito a respeito da realidade e mais ainda da cultura e história!
- b) No contato com os elementos da cultura e com o mesmo ser humano que construiu e constrói a cultura e a história deve-se ter uma atitude não de dominar, mas sim de ser transformado, transformar e construir.
- c) A verdade que encontramos na interpretação, que construímos (limitada e imperfeita) nos transforma e constrói a cultura e história sempre melhor. Na filosofia hermenêutica dá-se a **verdade como acontecimento ontológico** (evento da verdade) que constrói ou destrói a realidade em geral e a cultura e a história em especial: esta é base ética. A ação ética constrói ou destrói a realidade, o ser humano e a cultura: a verdade não é neutra, como se si acumulasse em um armazém para amofinar! O ser humano interpreta a cultura⁴¹, a história e a si mesmo no evento e pelo evento dialético do interpretar (um ato prático livre). **Aqui cabe fazer menção da religião** que é um elemento da cultura, do ponto de vista do ser humano. Religião ligação do ser humano com o sagrado. E esta ligação se dá em todas as religiões **pelo ato prático livre de fé (fé-confiança)**. A fé não é, em primeiro lugar para cobrir o hiato entre saber e não saber como pensava a metafísica clássica, a ciência natural e a teologia intelectualiza dos nossos antepassados. **Só se dá religião pela experiência religiosa e se dá a experiência religiosa só no ato prático de fé-confiante** (cf. Abraão, Jesus, os apóstolos, os santos... Maomé, Buda, Confúcio). A experiência religiosa é singular, pessoal, irrepetível. **O universal da experiência é de ser singular: isto é, cada um deve emitir o ato prático, livremente, necessariamente e totalmente (a totalidade do ser humano deve ser envolvido)! Esta é a nova maneira de filosofar e de consequência de fazer ciência natural, humana e teologia!** Este filosofar chama-se hermenêutica filosófica! Nesta:

1º Nós participamos para construir a linguagem, a arte, a religião, a ética, a política... a sociedade, o ser humano e a comuni-

dade. Exemplo: na linguagem através o evento dialético da execução obtém-se o significado, a verdade. Na conversação interpretativa se dá o evento dialético entre a compreensão e a explicação = interpretação.

2º O ser humano (o sujeito, o assim mesmo, a ipseidade) está a serviço 'das coisas'. **Dá a voz às coisas e não domina o 'objeto' como na metafísica clássica e nas ciências naturais. Dar voz não é constituir como no transcendentalismo kantiano, nem criação da imaginação produtiva do idealismo hegeliano: pensar igual à realidade e realidade igual a pensar.**

As ciências humanas não são a cultura produzida pelos homens, mas o conhecimento de probabilidade desta produção do homem: isso é ciência humana. Exemplos: a religião se torna 'Ciência Religiosa' quando o ser humano interpreta a sua produção religiosa. A história produzida pelos seres humanos se torna 'Ciência Histórica' quando é estudada pelo ser humano do ponto de vista científico: o ser humano estuda a própria produção. Qual o método [do ponto de vista científico: que significa científico?] para estudar a cultura: a arte, a ética, a religião...? Deveria ser a filosofia da ciência a indicar o método científico?! Por que a **ciência da interpretação de textos** se tornou filosofia? Hermenêutica filosófica: Método, Fenomenologia, e Filosofia?

Por que se passa do **conhecimento comum (vulgar) para ciências naturais e humanas e disso para a filosofia da ciência: epistemologia**⁴². **Por que da fenomenologia (epistemologia) se passa à filosofia?**

Resposta. Porque às ciências humanas e à epistemologia delas está implicado o conhecedor, o interprete: **o ser indagante coincide em parte com o ser indagado (intérprete e interpretado (cf. acima n. 2º).** Então nascem mais perguntas a respeito deste interprete e das suas atividades: linguagem, ética, religião, história, política... (ser-linguagem-tempo-história). A estas perguntas penúltimas responde a filosofia fenomênica = fenomenologia = epistemologia. E às perguntas últimas responde a filosofia, que **busca** o porquê último das perguntas feitas a respeito da interpretação, da compreensão da ciência natural

e humana, da fenomenologia e do interpretante (ontologia) envolvido nisso. Daí surge a ontologia: estudo do ser, ser humano e as suas atuações. Está claro que naturalmente há uma união de fenomenologia e ontologia. Na hermenêutica filosófica se une 'em síntese', ontologia e fenomenológica = onto-fenomênico = ser e tempo = ser – linguagem – tempo – história.

Ricoeur, que postula a superação da posição de Dilthey, com uma feliz síntese diz: “EXPLICAR MAIS (ciências naturais e humanas), PARA COMPREENDER MELHOR (filosofia)”. Explicar e compreender melhor a história, a cultura que o ser humano produz e interpreta. Repare que ligado ontologicamente e fenomenicamente à cultura (linguagem, ética, religião, política...) há o ser humano: onto-fenomênico!

Eis a **nova filosofia** (veja acima n. 1º, 4º): a ligação natural entre **fenômeno (ciência natural e humana)**, e **fenomenologia** (reflexão sobre a ciência feita), e interprete e interpretado (o ser humano: o último não é o sujeito) e **ontologia**. A **Nova filosofia** é a hermenêutica filosófica que pressupõe a realidade *projetiva*: um ser, ser humano a vir a ser plenamente através das próprias atuações (atividades comuns, científicas, filosóficas e teológicas, cultura e história).

O homem é um ser pessoa a vir a ser plenamente, atuando as próprias possibilidades, *construindo-se e 'criando' história e cultura*. História e cultura (ética) criada pelos seres humanos e que por sua vez constrói ou destrói o ser humano, a comunidade humana. O homem cristão é um ser a vir a ser plenamente em JC homem perfeito, atuando as suas possibilidades dadas por Deus, construindo-se cristão, e criando história e cultura de salvação ou de perdição. Assim a ética, a religião, a política, a linguagem, a história... constroem ou destroem o ser humano e a comunidade humana. Isto é, o ser humano se constrói ou se destrói a si mesmo pelas suas atuações culturais e históricas (ética)⁴⁵.

Eis a conclusão da HERMENÊUTICA FILOSÓFICA: A **HERMENÊUTICA FILOSÓFICA** tem o seu MÉTODO, a sua FENOMENOLOGIA (análise da existência, dos fenômenos culturais e históricos), E A SUA MANEIRA DE FILOSOFAR.

1º MÉTODO: diálogo contínuo: círculo hermenêutico antropológico. No compreender, no interpretar, no construir a cultura (linguagem) e a realidade (ser humano) a hermenêutica filosófica não usa a lógica linear clássica da realidade estática, não a lógica ambígua da realidade em devir, mas a lógica circular (pericorética) da realidade em devir a ser plenamente. Praticamente é um diálogo que vai ao 'infinito'!⁴⁴. Não só para conhecer, compreender, mas para construir um mundo melhor possível sustentável.

2º FENOMENOLOGIA: análise dos vários fenômenos e das várias ciências: análise existencial, análise lingüística⁴⁵. **Verdade (significado) como evento constitutivo, construtivo: a palavra e o discurso (símbolos = $\sigma\upsilon\nu$ $\beta\alpha\lambda\lambda\omega$ = embalagem) são o resultado de um 'evento dialético' entre o signo e a referência. A interpretação é um evento dialético (= conversação), construtivo, constitutivo entre a compreensão (dimensão ontológica) e a explicação (dimensão fenomenológica). "ASSIM COMO A DIALÉTICA DE EVENTO E SIGNIFICAÇÃO PERMANECE IMPLÍCITA E É DIFÍCIL DE RECONHECER NA PALAVRA E NO DISCURSO ORAL, A DA EXPLICAÇÃO E COMPREENSÃO É TOTALMENTE IMPOSSÍVEL DE IDENTIFICAR NA ATUAÇÃO DIALÓGICA, QUE CHAMAMOS CONVERSAÇÃO"** (*lembrar as análises do quadro de Velásquez e a interpretação de Picasso*).

3º FILOSOFIA: pressupõe o auto compreender-se do ser humano (pré-compreender, compreender), interpretar o texto, a realidade, o ser humano e a sua cultura e história: a linguagem, a ética, a religião, o mundo, o cosmo... A verdade, o significado, o sentido: a verdade é uma verdade limitada e imperfeita e que ao longo, da história se vai sempre mais aproximando da VERDADE. A verdade se constrói! Veja a proposta de Gadamer: os quatro pilares da interpretação, que para o historicismo são todos negativos e levam ao relativismo e para Gadamer são muito positivos para alcançar a verdade: **a 'consciência' da determinação histórica, distância temporal, a história dos efeitos, e a fusão dos horizontes**⁴⁶.

Repisamos: Verdade como um evento, um acontecimento ontológico que transforma, que produz a verdade e a experiência da

verdade. Ato prático livre (cf. Salvi: racionalidade como ato prático, um **a priori** prático. A priori = sem o qual não se tem verdade, significado). Esta experiência⁴⁷ feita com a arte vale para todos os elementos que formam a cultura: ética, linguagem, religião, jogo. **O método para obter a cultura já o conhecemos**: emitir um ato prático livre em relação ao elemento da cultura em questão. Eu só posso explicar e compreender, captar o significado (Cf. acima o sublinhado) de um elemento da cultura e do ser humano que a “criou” (texto - discurso, meta - discurso, religião, ética...) se emitir um ato prático livremente. Ato prático livre (**fenômeno**) implica o ser humano, **ontologia**: verdade como **acontecimento/ontológico**; fenomenologia e ontologia juntas que traz ao ser humano a compreensão profunda na experiência.

Hermenêutica filosófica como ontologia: porque existe o ser e não o nada? Por que eu sou? Por que...?48 A hermenêutica filosófica * não é somente método de interpretação, * não é somente fenomenologia * e sim também ontologia!

Ricoeur reconhece o **limite da fenomenologia** e o ser-se prevalentemente parado numa analítica da percepção, mas a análise das experiências vividas (cultura e história), como experiência do ‘sentido’ (do significado) abre uma indagação mais ampla, envolve uma analítica do ser (ipseidade) e da ação (ontologia e fenomenologia).

Há, portanto, um primado, uma ‘ultimatividade’ da hermenêutica sobre a analítica fenomenológica do ‘sentido’ (significado). O erro dos hermenêuticos, segundo Ricoeur, consiste no ter tematizado uma contraposição entre os dois modos analíticos descritivos (narrativos) e ontológico construtivo, nova versão da diferença teorizada pelo Dilthey entre as duas ciências (naturais e humanas). Ora de acordo com Ricoeur tal contraposição não há lugar de existir pelo contrário há uma consenquencialidade natural e, portanto, uma integralidade dos dois modos⁴⁹.

CONCLUSÃO

Os degraus do conhecimento, da compreensão e da edificação da realidade, do ser, do ser humano e as suas produções culturais e históricas são muitos.

Em primeiro lugar convidamos a reler a nota número um (1) deste trabalho. Depois do conhecimento das ciências naturais (micro e macro) e humanas que conhecem por probabilidade (estatística e porcentagem) podemos conhecer com mais profundidade através da narrativa histórica, sapiencial, poética como fazem os grandes escritores e a Sagrada. Escritura. Podemos compreender mais ainda pela experiência direta e pessoal. Podemos analisar esta experiência pessoal pela fenomenologia (análise hermenêutica da facticidade) andando cada vez mais no âmbito do ser, ser humano, nas suas produções culturais e históricas, afinal no 'coração da realidade' em dever ser (Queriuga).

E pela filosofia hermenêutica através da interpretação continua da realidade (círculo hermenêutico antropológico teoricamente até o 'infinito') podemos chegar sempre mais à 'Verdade'. **Devemos lembrar que nós conhecemos e compreendemos a verdade, significado e o sentido, mas limitada e imperfeitamente** e através da história vamos sempre mais sondando a realidade que sabemos ser inesgotável (Pareynson) e construir (ética) um mundo melhor possível sustentável para toda a humanidade.

NOTAS

¹ A realidade pode ser abordada sob vários aspectos pelo ser humano que faz parte da realidade.

1º Modo comum: o ser humano que sabe de ser e existir abordada a realidade de maneira comum para viver.(doxa)

2º Modo científico: aborda a realidade seguindo um método (científico), um caminho testado ao longo da história.

a) ciência natura I= Objeto: a natureza nas suas manifestações fenomênicas (recortes da natureza): física, química, biologia, astronomia. Método experimental-empírico. Usa a linguagem matemática: números e figuras. A finalidade: usar, dominar, prever (técnica, tecnologia = prosperidade).

Ultimamente percebeu-se que a realidade material pode ser abordada debaixo de dois aspetos:

Macro (grande): elefante, planeta... que parece obedecer às leis determinadas (TRG), Einstein.

Micro (pequeno): átomo, quanta, cordas... que parece obedecer ao indeterminismo (TMQ), Plank.

b) ciência humana = Objeto: a manifestações fenomênicas do ser humano. Qualquer ciência que tenha diretamente ligação com o ser humano: psi-

ciência, sociologia, religião... (cultura e história). Nesta ciência que aborda especialmente a atuação humana (livre) deve levar em conta a liberdade do ser humano (liberdade finita, condicionada: saber e liberdade). O homem produz a cultura e a história e ele mesmo estuda do ponto de vista científico a sua produção. O resultado da ciência humana é de probabilidade (medidas estatísticas). A previsão é provável de probabilidade estatística, porcentual (80%...30%...). Percebo que há ainda muito para dizer e saber sobre cultura e história depois da ciência humana

3° Modo filosófico: epistemológica – fenomenologia. Avalia o valor epistêmico das ciências feitas. Como fenomenologia analisa mais os fenômenos como existência humana, cultura e história: arte, jogo, religião (análise da facticidade)...

4° Filosofia: depois de todas as abordagens da realidade acima consideradas, percebemos que podemos dizer mais ainda sobre a realidade, sobre o ser humano, a sociedade, a religião, o jogo... Acima respondemos às perguntas quia: de que é feito(a) a coisa; quomodo: como funciona e a que serve esta coisa; proterquid: a que serve esta coisa, para que penúltimo objetivo serve? Por que se deram estes fatos, por que este jogo, esta prece? Mas há uns 'Por quês últimos': por que existo, por que eu sou, de onde vim, aonde vou? Filosofia clássica saber por saber sobre o inteiro do ser enquanto tal (ontologia). A realidade enquanto tal e as suas propriedades ou atributos. O homem enquanto tal: antropologia... A verdade enquanto tal...

5° Depois de abordar a realidade enquanto tal 'realidade inesgotável' (Pareyson) podemos sublinhar a abordagem da cultura e da história (por exemplo, a religião) do ponto de vista experiencial (experiência). O Homem na sua existência atua sobre si mesmo e sobre as coisas experimentando profundamente a realidade como arte, jogo, religião, ética... nestas páginas posamos a nossa atenção sobre isso. A experiência artística, histórica... se expressa pela narrativa, pelo discurso: narrativa histórica e mais ainda pela experiência vivenciada (Sagrada Escritura). **A experiência religiosa dos semitas (hebreus) ao contato com a mentalidade metafísica dos gregos virou conhecimento racional, intelectual e por isso empobrecida** (Cf. Jean-Pierre Faye. *A razão narrativa*; Beni. *Psicologia e sociologia*. São Paulo p. 212).

Aqui retomamos, sem negar os outros conhecimentos, a abordagem experiencial e sobre tudo aquela da Sagrada Escritura. A cultura semítica (Sagrada Escritura: narrativa histórica, narrativa poética, narrativa sapiencial: experiência de fé religiosa), hoje, é levada em conta para realizar uma profunda síntese com a cultura e a história ocidental toda ela fundamentada na cultura e história pela filosofia da linguagem e pela filosofia hermenêutica (Cf Ef. 2, 15-16: Apartir dos judeus e dos pagãos quis fazer um homem novo). A conclusão da reflexão sobre os modos de ser e de conhecer, de construir e transmitir estes conhecimentos levaram muitos filósofos a julgar que estas modalidades se restringem 'a retalhos da realidade' e que são muito superficiais a respeito da totalidade da realidade. Por estes motivos os filósofos da

linguagem e da filosofia hermenêutica foram levados a propor uma outra maneira de fazer filosofia (Cf. aqui, p. 14, n. 4º) para abranger a totalidade não só do ser enquanto ser, mas a produção do ser humano, isto é, a cultura e a história pela experiência.

² Cf. PEF, p. 97-111: cultura como transformação da natureza feita pelos seres humanos. Cultura a maneira de viver de um povo: pensar, fazer, construir; o exemplo contundente sobre cultura é a cidade toda construída pelo ser humano. Os homens primitivos viviam na natureza, eram condicionados pela natureza, hoje, os homens vivem na cultura, pela cultura e são fortemente condicionados (manipulados) pela cultura que eles produzem. Neste sentido precisa uma nova maneira de filosofar para levar em conta esta realidade cultural. Pois bem a filosofia da linguagem e a hermenêutica filosófica levam em conta profundamente esta dimensão cultural e vão mais a fundo do que a ciência humana...

³ Cf. Gadamer. Verdade e Método: a fé e a religião são elementos da cultura e por isso se comportam e devem ser trados como a cultura.

⁴ Cf. Língua... La decisione de credere: per una comprensione della fede como 'ato pratico', p. 215. "A fé – escreve Bertuletti no capítulo *Saber e liberdade*, que conclui o livro 'Levidenza e a fede' - é a qualidade de uma evidência que precede absolutamente a decisão, mas que não pode ser reconhecida (esta evidência da verdade, do sentido) como tal se não no consenso (faz sentido, no ato prático do consenso livre e necessário se torna verdade, sentido também para mim: nasce a experiência religiosa!) que a faz própria. Nela a polaridade do reconhecimento e da confiança (affidamento) é estrutural, pois que ela corresponde às duas propriedades que se trata de conciliar, a prioridade da manifestação (da verdade, do sentido: evento da verdade) pela qual a qualidade do consenso se chama fé e a relação à decisão que realiza a síntese, não verificável no plano geral. Nesta perspectiva o caráter prático da fé se torna, pela chamada escola milanesa um ponto nodal da mesma reflexão filosófica (universal = a fé antes de ser um fato religioso é um fato humano, isto é, universal) e teológica. Seja na evidência do sentido, da verdade experiencial como da decisão de entrega ao 'gogo, à arte, à política, à profissão, à religião...são todos atos práticos acompanhados pela compreensão interna (ontológica) = verdade como evento ontológico (Rossi, p. 331). Confronta a oração p. 1540 das horas: 'Eu me decido livremente pelo Cristo: com ardente coração, eu quero amá-lo e desejo estar com ele para sempre!'. **Fé e razão: não há supremacia entre a fé e a razão; não há entre elas contraposição; não há separação; não há distinção, mas na fé há polaridade, de modo que o reconhecimento do sentido, da verdade e a confiança é estrutural: faz uma só coisa seja na dimensão humana como na dimensão religiosa!**

⁵ Fazer a verdade: confeccionar a verdade, atuar a verdade: na religião cristã quando se fala de culto, de celebração (comemoração) se diz: tornar presente

e atuante na comunidade reunida orante o Espírito de Deus, Jesus Cristo pelo “sinal atuado”. A verdade tem que ver com a liberdade (Arara)? Sim! Até um problema de física como; $t = e/v$; se formos percorrer 500 km à velocidade de 100/h. empregaremos 5 h. Vê-se que a verdade é um evento ontológico.

⁶ **Experiência:** o universal da experiência é de ser pessoal e singular. Porém para realizar qualquer experiência são imprescindíveis **condições universais (Cf. p. 07)**, sem as quais não se dá experiência. São elas: 1° Emitir ‘ato prático’ (atuação) que liga a polaridade, no caso da religião-fé, Deus-homem e daí nasce a religião, a verdade religiosa. Ela me solicita a me entregar a Deus que está presente nos meus eventos, na minha existência e daí DECIDO de ser de Deus e viver para ele e para com os meus irmãos; 2° necessariamente; 3° Livremente; 4° envolvendo totalmente a minha existência e o meu ser (Cf. Também a nota 4 sobre a experiência).

⁷ Toda a reflexão que se faz sobre um elemento da cultura (história) é válida para todos os elementos da cultura. Nos estudos da cultura está claro o método para construir cultura, mas não está claro o método para comunicar esta experiência aos outros. Resposta: nós conhecemos como se chega à experiência, por exemplo, religiosa, o jogo... A experiência religiosa e do jogo, sabemos, é pessoal e singular, mas podemos ensinar o método para que outros cheguem à experiência. São Paulo, e tantos outros, descrevem a própria experiência e implicitamente dizem: veja como eu cheguei. Você também pode chegar. O caminho, o método é (Cf. nota 06 acima). A verdade (sentido, significação): - como evento dialético de significação na filosofia da linguagem; - como evento de experiência religiosa, do jogo, da arte, da ética; - como acontecimento ontológico (explicação geral): sempre no surgimento de uma idéia, de um pensamento há um ato fenomênico (ato prático livre) de tal maneira que o onto e o fenômeno andam sempre juntos.

⁸ Fizemos uma tradução livre e comentada do ‘prefácio’ da obra citada. ‘Leitura’ da realidade!

⁹ Tradução da orelha do livro “La decisione de credere...” Pensar a fé como **ato prático (evento)** globalmente humano. Eis o objetivo sobre o qual se constroem os três ensaios propostos neste livro. Os autores estão conscientes (sabem bem) que se trata de uma empreitada árdua, mas sabem também que é compromisso iniludível se não se quer continuar **a pensar e viver a fé como adesão às “verdades reveladas” que devem ser cridas porque não podem ser conhecidas (sabidas)**. O livro “A decisão de crer” não habita mais o espaço teórico, por tanto tempo freqüentado por multidões, da contraposição entre fé e conhecimento (fé e saber = fé e razão); procura pelo contrário colocar a reflexão do lado menos intelectualístico e mais histórico-concreto. Se o crer não é só um suplemento [no mundo racionalista a fé vem suprir o hiato de saber ou não saber da razão: evidência intrínseca ou/e evidência extrínseca] mais ou menos necessário do saber, trata-se de indicar que rol assume esta

experiência (religiosa) no construir-se global da experiência do homem. É **A DECISÃO** a categoria que serve aos três autores **para recuperar a concretude prática do ato de fé e para dizer O CARÁTER UNIVERSAL da figura singular da fé cristã**. No nível filosófico, no nível bíblico e no nível teológico da fé como decisão prática diante do apelo da revelação cristológica!

EXPERIÊNCIA é um evento dialético entre polaridade. A experiência pode ser artística, religiosa, do jogo, ética, política, do amor, da linguagem, da interpretação (Ricoeur). Experiência do significado, da verdade: verdade como evento dialético entre signo e referente. Aplicação muito interessante é a experiência religiosa: experiência religiosa é o resultado de um evento dialético (polar) entre Deus e o homem na história, entre a Palavra de Deus e a palavra do homem, entre os fatos de Deus e os fatos (atos) dos homens. Repare: Deus vem ao nosso contato pela história e pela cultura, através das manifestações fenomênicas. O exemplo mais contundente é a encarnação do seu Filho Jesus! NB. Zubiri preocupado de não deixar escapar a realidade (reísmo) no processo do conhecimento fez a proposta da 'inteligência sentiente', que apreenderia o real. Nós achamos que a aproximação mais acertada para compreender Zubiri seja confrontá-la com a auto-compreensão experiencial = experiência onde a totalidade e a alteridade entra em síntese, permanecendo 'si mesma'.

¹⁰ E talvez qualquer fé religiosa = visão universal da religião, isto é, filosófico = que vale para todas as religiões: religião: ligar o sagrado e o humano.

¹¹ Cf p. 191-7: ato de fé como 'actus vivendi', cada ação humana se refaz à totalidade do ser humano e não às faculdades! **A decisão é por excelência autônoma na totalidade do ser humano**. A **decisão** não é racional nem irracional, é existencial, melhor, é do ser humano inteiro, enquanto tal: inicia simplesmente nele. É ato livre, não depende de ninguém, autônomo, nem de Deus depende! Por esta explicação você vê que a estrutura antropológica originária da Sagrada Escritura (Deus criou o ser humano semelhante a si, a sua imagem Deus criou o homem = ser humano: basar, frágil; nefeh, finito; ruah, semelhante; leb, inteiro) é diferente da estrutura dualista antiga, moderna e diferente da antropologia das faculdades. Na estrutura das faculdades a vontade depende da razão, se não tiver 'razões suficientes' não haverá decisão de atuação. É como o burro diante de dois feixes iguais de feno ele fica parado, não come porque não sabe decidir-se porque as razões são iguais para comer isso ou aquilo!

¹² Aisththesis (sensação e sensibilidade) que une os dois aspectos patético e simbólico: é um termo tirado de Kant para dizer esta união da passividade e da atividade do ser humano, da consciência.

¹³ Está em lugar da racionalidade (Cf. aqui, p. 11-12) é a **atuação livre**; cf. a nota número 4 'Saber e liberdade' do Bertuletti.

¹⁴ Necessidade: o ser humano toma consciência que se não emitir o ato prático livre não haverá jogo, religião, ética...

¹⁵ Ético = fenomenológico = atuação; e ontológico = a verdade como evento ontológico: o ser humano é onto-fenomênico. Não se dará a verdade, o sentido se não emitir um ato que realize o evento dialético da verdade.

¹⁶ Cf. Suplemento e desenvolvimento: Heidegger e Gadamer; e aqui, p. 12-16. A 'analítica heideggeriana' "Do ser e tempo", do ser humano existência, histórico, finitude, parece restituir ao homem a unidade original do homem do Gênesis. Unidade no ser (onto) e multiplicidade nas suas manifestações fenomênicas: pensar, amar, querer, atuar..

¹⁷ Não se há o sentido, a verdade = idéia, conceito, juízo (**onto-logico**) se não se há um ato prático (fenômeno) que une a polaridade. Mas quem produz este evento, esta síntese? O ser humano que decide de unir! Mas por que une? Porque **percebe** que se não unir não haverá a experiência do sentido e da evidência da verdade: verdade como evento ontológico.

¹⁸ A experiência envolve a **totalidade** do ser humano: o ontológico e não só o fenomenológico e todas as possibilidades.

¹⁹ Cf. aqui p.13s. A razão como a priori prático, "porém (há) o caráter de **necessidade** em ordem à **atuação** que a verdade comporta", verdade como evento da verdade; "A universalidade da verdade não é buscada no modelo científico, mas no caráter de NECESSIDADE em ordem à atuação **livre** que a verdade comporta"; Berguin Rosé fala de evidência intrínseca e extrínseca: nós não cremos porque os apóstolos viram e creram, mas cremos porque experimentamos a verdade que Cristo está vivo em mim, entre nós, em nós.

²⁰ Importante! Verdade como evento da verdade! A cultura aparece (se dá) só num ato prático livre do homem. A ciência humana (na sua probabilidade) segue os padrões "racionalistas" e deixa muita realidade da cultura sem solução, sem conhecimento. Somente a ciência filosófica da cultura (hermenêutica filosófica) recupera a riqueza do ser humano e da cultura! Pelo método do círculo hermenêutico antropológico em dialogo contínuo ('infinito') vai-se sempre mais compreendendo a realidade especialmente cultural e histórica.

²¹ Na Sagrada Escritura é descrito o que já se tem havido: "a experiência religiosa". Exemplo, São Paulo: "Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" descreve a qualidade (a forma) do seu ser humano depois da experiência religiosa. Ele está no estado de experiência religiosa!

²² Filosofia da linguagem: (explicação) a palavra (o discurso) é a síntese de um evento dialético entre o signo e o referido dando o significado = verdade. Filosofia Hermenêutica: parte da palavra, do discurso e o interpreta. Também a interpretação é o resultado do evento dialético entre explicação (fenômeno

externo = Erklären) e a compreensão interna = Verstehen. “Explicar mais (ciência) para compreender melhor (filosofia)”. “O ser humano não explica nada se não compreendeu e não compreende nada se não sabe explicar”.

²⁵ **Repare estamos na estrutura cultural: o evento fundador** da cultura, aqui, religiosa; a religião como elemento cultural e por isso estudado e conhecido e interpretado e compreendido numa metodologia das ciências filosóficas (onde está incluída a liberdade; confronta a metodologia da hermenêutica científica, hermenêutica fenomenológica e hermenêutica filosófica). A antiga Sagrada Escritura, condicionada pela cultura envolvente, funda a sua ‘vida’ nas leis... Mas Jesus e Paulo vão mais no âmago da questão do homem e da sociedade: entra no interior das motivações: não mais agir como crianças por prêmios ou castigos; não mais agir como macaco por motivações da maioria (o consenso), mas agir por interiorização, como homem livre: fé, esperança e amor. **Assim a ética fica assentada em um projeto fundador que precisa construir em um processo contínuo ao longo da nossa história.** Nesta altura sabemos que devemos distinguir DIREITO E ÉTICA, MAS NÃO SEPARAR! Afinal o bem e o mal são eventos e não coisas: a verdade o falso é um acontecimento que nos constrói ou nos destrói (edificação; Rorty).

²⁴ O exemplo que sempre me choca é o ‘Edito de Ciro’. Ciro emana um Edito que permite que os hebreus voltem a sua terra natal (Palestina). Ciro através disso aplica uma estratégia política: ter amigos na fronteira com os egípcios para conte-los! Os hebreus interpretam isso como se Deus tivesse inspirado Ciro para libertá-los da escravidão babilônica e fossem para terra promessa para edificarem um templo e recomeçassem um povo novo todo dedicado a Ele (visão mais ampla da história na fé-religiosa!).

²⁵ Verdade intrínseca, verdade extrínseca = evidência intrínseca (ciência naturais) e evidência extrínseca da fé: “Eu, Deus sei e você deve ob-audire” (acatar submetendo-te se quiser andar no caminho certo e se construir ao invés de se destruir andando pelos seus caminhos).

²⁶ O jogo se realiza no ato de jogar: repare, está ali o campo, a bola, o árbitro..., mas se você não jogar não haverá jogo = a religião se realiza no ato de crer (emitir um ato prático de fé): neste caso se realiza a religião, porque a religião como o jogo se realiza na reciprocidade das condições do jogo; campo, bola e jogadores que jogam!, assim se passa com a revelação do sagrado e do ser humano que experiencia este Deus!

²⁷ Confere Vol. ‘Suplemento e desenvolvimento’ ‘Da fenomenologia (cultura e história: análise fenomenológica do ser humano nas suas manifestações fenomênicas) à ontologia e vice-versa. Nesta nova ontologia (ser a vir a ser) e antropologia mantém-se a unidade do ser humano (**ontologia**) e analisa-se as suas manifestações fenomênicas como propriedades (fenômenos, **fenomenologia**) todos eles ligados diretamente à totalidade, ao inteiro do ser

humano”. NB. A Sagrada Escritura se resume no amor. Mas o que é amor? É **um ato prático livre** que faz ser, que realiza o ser, o ser humano...

²⁸ Repare: a razão (a racionalidade) é o resultado de um ato prático livre do pesar do ser humano: o primeiro e supremo e fontal a priori é o ser humano livre; o segundo a priori ligado ao primeiro é emitir um ato prático (**fenômeno**): atuação livre para o evento do sentido, da verdade; contemporaneamente nasce no interior do ser humano a idéia, o conceito, o juízo: a compreensão, o evento **ontológico**; Cf. Rossi, p. 320-327. **Os antigos não tinham atinado pelo ato prático do ser humano para produzir a verdade, o sentido!** Repisamos: o ontológico está sempre acompanhado pelo fenomenológico e vice-versa, especialmente quando se trata da verdade, do sentido, do significado ligado a linguagem. O sentido, a verdade que se dá na linguagem é sempre precedida por ato prático fenomênico que une o signo com o referido dando o símbolo (planta) no qual tem o significado e este significado fica na consciência, no ser humano. (no ontológico): evento onto-fenomênico. No ser humano não existe uma razão pura a priori nem uma razão prática separadas, mas em síntese polar estrutural (Kant).

²⁹ Em outras palavras: é a forma concreta de acesso; é a constituição fenomênica (prática) do ser humano = onto-fenomênico. NB. A descoberta do do ‘λογος’ do λογισμα não precisava de ‘alma’ nem do ‘espírito para pensar porque quem pensa, ama é o ser humano semelhante ao ser absoluto que pensa, que raciocina, que atua inteligentemente, que ama... Lembremos a analogia do ser (ser absoluto, Deus; ser finito, homem; ser do ente, as coisas (metaxologia).

³⁰ Preste atenção: a apropriação do sentido (da verdade) está no evento dialético de significação (Cf. Ricoeur Teoria da Interpretação). Enquanto o ser humano atua (atuação) o símbolo (realiza a palavra, a proposição, a sentença, o discurso) fica apropriado o sentido, a verdade, o significado. Repetimos: o ser humano confeccionando a ‘palavra’, o símbolo faz a verdade, o significado e se apropria dele(a). Esta é a estrutura simbólica da evidência da verdade. Neste caso o símbolo e o pensamento são contemporâneos: o **lado noético** (ato que realiza o evento: dimensão fenomênica externa) e o **lado noemático** (o conceito, a idéia, a verdade, o significado, o sentido, o pensamento: dimensões da compreensão interna; verdade como evento ontológico) tem uma conexão dialética de síntese (Cf. Ricoeur). Os nossos antepassados não captaram o lado fenomênico lingüístico do conhecimento da compreensão da verdade! Os pólos não são separados, nem contrapostos (Zubiri), mas em uma união de síntese.

³¹ ÉTICA: eu julgo esta nota muito importante! Em ética seja o fundamento como a realização dela é um processo. Processo fundador e processo realizador da ética que quando ‘verdade’ edifica **a realidade que é um projeto a ser realizado precisamente por um processo contínuo.**

³² SALVI. Epistemologia. A liberdade (limitada) de atuar ou não é uma propriedade do ser humano (ontológico) como tal.

³³ Visão sobre hermenêutica filosófica: considera 1° a realidade como um projeto, projetiva; 2° levar em conta a totalidade da realidade: o ser e o ser humano todo inteiro; 3° verdade limitada e imperfeita e através da história se aproximar sempre mais a 'verdade' (D'Agostini p. 303ss). Hermenêutica filosófica originária: Heidegger, Gadamer, Pareyson, Ricoeur; hermenêutica filosófica de desconstrução (e reconstrução): Nietzsche, Derrida, Vattimo; hermenêutica filosófica crítica: Habermas, Apel; hermenêutica filosófica neopragmática: Rorty. **SOMENTE COM ESTA ATITUDE DA FILOSOFIA HERMENEUTICA QUE A HUMANIDADE PODERÁ ENTRAR NA GLOBALIZAÇÃO COM SUAS PRÓPRIAS CULTURAS E SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS...**

³⁴ Escola de noções / escola de experiência ativa; Cf. Suplemento, Gadamer, p. 127.

³⁵ Um exemplo muito emblemático de pré-compreensão-prejuízo é a interpretação que os missionários faziam dos rituais funerários dos bororos: obra do demônio. Por quê? Porque não faziam de acordo com a cultura européia (EUROCENTRISMO).

³⁶ VERDADE: precisa quebrar a 'ideologia-dogmática' fundamentalista da verdade! Só Deus é verdade, nós conhecemos e construímos verdades parcialmente, limitadamente, imperfeitamente e ao longo da história nos aproximamos sempre mais à verdade. Estes dez mil anos aproximadamente de história humana nos ensinam isso. Até a Sagrada Escritura cristã confirma o acima na 1Cor 13, 09; Jo 16, 13. E preocuparmos, finalmente, em construirmos um mundo melhor possível, sustentável. Este é o projeto do ser absoluto desde sempre (céus novos e terra nova)!

³⁷ Cf. PEF, no 'Prefácio' onde se diz: "hoje, revendo os primeiros passos da filosofia..."

³⁸ Convidamos consultar no 'Suplemento e desenvolvimento dos PEF onde se discorre sobre Hermenêutica filosófica os teóricos da teoria hermenêutica contemporânea e julgar a validade específica das suas contribuições para a construção de um terreno comum. Aqui nós sublinhamos algo que nos interessa: Dilthey...

³⁹ É impossível reviver a experiência porque ela é irrepetível e singular, mas posso ensinar o método para chegar a uma experiência válida.

⁴⁰ O método para a compreensão da cultura e da história é mais apurado: 1° Estudar a cultura e a história pelo método das ciências naturais que dá como resultado um conhecimento 'provável' (estatístico); 2° Compreender a cultura e a história pela narrativa... (ex. Sagrada Escritura); 3° Conhecer pela experiência (ato experiencial) = jogo, religião (viver ligado a Deus), arte...; 4° Sondar pelo método da filosofia hermenêutica (círculo hermenêutico antropológico

contínuo); 5º Analítica da facticidade (hermenêutica fenomenológica); 6º E em fim em uma interpretação contínua chegar até (infinito).

⁴¹ À cultura faz parte também a ciência natural: o invento da energia atômica fica 'julgada' pela filosofia hermenêutica no seu uso para destruir ou para construir, para o bem ou para o mal!

⁴² Estuda o resultado das ciências dos fenômenos naturais e humanos do ponto de vista da sua validade... e tenta fundamentar as ciências naturais e humanas.

⁴³ Aqui está a definição-descrição do homem e do homem cristão. Quero sublinhar a unidade no ser (onto: ser analógico (ser absoluto: Deus; ser finito: homem; ser do ente: as coisas; três patamares de seres: não só dois, Deus e as criaturas todas. O ser humano tem um patamar só para si porque é semelhante a Deus!). Metaxologia do ser e a pluralidade nas suas manifestações fenomênicas (fenomenologia). A realidade finita é onto-fenomênico e em particular o ser humano é autocompreensivo (que sabe de ser e existir). Cf. Suplemento e desenvolvimento, p. 11-73.

⁴⁴ Ver a Filosofia da complexidade em D'Agostini, p. 464; 493ss; Cf. Suplemento e desenvolvimento. Gadamer: 'A filosofia como um dialogo continuo', p. 127ss.

⁴⁵ Cf. Ricoeur. Teoria da interpretação, p. 84.

⁴⁶ 1º **A consciência da 'determinação histórica'**: o interprete e o interpretado e a realidade histórica interpretada é finita = finitude da realidade aqui e agora. O ser humano tomou consciência profunda de sua finitude e historicidade! Nós somos históricos, finitos e é impossível sairmos desta condição, até na imortalidade ficaremos finitos! Não confunda finitude com pecado: o pecado, o erro moral (ético) depende da liberdade, do ato livre, decisão de escolha autônoma.

2º **'Distância temporal'**: o que é interpretado, o texto está longe da nossa história e cultura. Isso não é negativo e sim positivo. Pois isso permite uma visão de conjunto e de perspectiva mais ampla e frutífera do que se estivéssemos dentro daquela historia e cultura!

3º **'A história dos efeitos'**: as interpretações que se deram do texto, da realidade ao longo da história ajuda a compreender o texto e a realidade interpretada. Ex. As histórias da filosofia, as histórias das interpretações da Sagrada Escritura auxiliam muito para uma interpretação sempre mais 'ampla e segura'.

4º **'A fusão dos horizontes'**: os seres humanos ao longo dos milhares de anos (arqueologia) estão sempre estimulados pelas mesmas perguntas existenciais: 'Por que sou? De onde vim? 'To bi or non to bi'!

⁴⁷ Experiência não se resume em uma ação, ou numa só atuação, como a cultura não é fruto de uma só atuação.

⁴⁸ Eis as verdadeiras perguntas filosóficas que qualquer ser humano se faz ao longo da própria existência! Nestas perguntas não está só em questão partes

da realidade (recortes) fenomênicas, ou partes da realidade ôntica, mas sim a totalidade da realidade: o ser humano a sua cultura e a sua experiência. A filosofia não pode escamotear estas perguntas existenciais (fusão dos horizontes).

⁴⁹ Parece que o problema número um da filosofia, hoje, é: **de um lado** dar ênfase ao fenômeno, analisar os fenômenos (cultura e história) do ponto de vista da filosofia (fenomenologia). Consulte 'O Compêndio de filosofia. De Nicholas Bunnin e E.P. Tsui-James, organizadores, São Paulo: Ed. Loyola 2002 que tem um capítulo sobre metafísica definida como 'é a exploração das características mais gerais do mundo e mundo o conjunto de fenômenos e não tem um capítulo sobre a antropologia filosófica. **Do outro lado** há ontologias e antropologias apendoadas no hiperurâneo (platônica) sem relação com aqui e agora, sem relação à realidade dialética. Nós, porém, propomos que a realidade é ser, o ser humano (onto) com estrutura fenomênica (cultural e histórica): onto-fenomênico. E a compreensão profunda se dá através da experiência.

REFERÊNCIAS

Veja também a bibliografia nos livros que ponho aqui em destaque.

BERNARDI, Piergiuseppe; GIORDANO, Giovanni; LÍNGUA, Graziano. *La decisione de credere*: per una comprensione della fede come atto pratico. Cuneo: Ed. Esperienze, 1996.

BUNNIN, Nicholas de; TSUI-JAMES, E.P (Orgs.). *O compêndio de filosofia*. São Paulo: Loyola, 2002.

GADAMER, H. G. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Apontamentos de Cosmologia filosófica*. 2. ed. Campo Grande-MS: UCDB, 2005

MARCONETTI Luís. *Primeiros Elementos de Filosofia*. Campo Grande-MS: UCDB, 2002.

_____. *Suplemento e desenvolvimento dos "Primeiros Elementos de Filosofia"*. Campo Grande-MS: UCDB, 2005.

RICOEUR, Paul. *Sé come un altro*. Milano: Jacó Book SpA, 2002.

_____. *Teoria da interpretação*: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Ed 70, [s.d.].

ROSSI, Roberto. *Introdução à filosofia: história e sistemas*. São Paulo: Loyola, 1992.